

camos o trabalho na Câmara Alta. Mas nenhum fundamento sério tem tal afirmação. Há um ano, quando nos reunimos alguns deputados e senadores para assentar a campanha revisionista que ora se encontra em pleno desenvolvimento, encontramos pelo menos vinte senadores favoráveis, numa rápida revista que fizemos. Este número deve ter aumentado, como aumentou na Câmara o número de deputados.

Não tenho, pois, grandes cuidados a este respeito. Dêem-nos a vitória na Câmara, que o Senado não ficará atrás. Ele não há de querer assumir a responsabilidade de entrar a evolução política do País.

QUANDO UMA "VÁRIA" DERRUBAVA UM GOVERNO

Não pretendo dizer, com isto, que não tenhamos de vencer ainda muitas dificuldades. É para mim estranho, por exemplo, que a grande maioria da imprensa da Capital Federal se mostre infensa à reforma, pois ninguém mais do que a imprensa lucraria com ela. No tempo do Império, uma simples "vária" do "Jornal do Comércio" podia derrubar um ministério. Medeiros e Albuquerque, em seu admirável livro dedicado à questão do regime do Brasil, vai mais longe: afirma que um simples a-pedido anônimo podia fazê-lo cair, se exprimisse uma opinião justa e um deputado dela se fizesse eco na Câmara. Hoje, qual é a influência da imprensa na marcha dos negócios públicos? Nenhuma. Nem notas, nem artigos, nem verdadeiras campanhas conseguem modificar o comportamento do governo. No sistema parlamentar, portanto, a imprensa exerce grande influência na coisa pública, ergue-se verdadeiramente à altura do chamado quarto poder do Estado.

Assim sendo, como se explica que a imprensa esteja oferecendo tamanha resistência à reforma e que, em vez de antecipar ao mundo político, se esteja deixando anteceder por ele?

— Como não arriscássemos uma explicação, o sr. Raul Pilla prosseguiu depois de breve pausa:

— Será desconhecimento das vantagens do regime proposto? Talvez, mas somente em parte; pois tenho observado que, enquanto a direção de certos jornais recalcitra, muitos dos seus redatores são convencidos e ardentes partidários da reforma. A incidência não é, pois, tamanha e outras causas deve haver.

Será misoneísmo, horror instintivo à novidade? Também não, pois o parlamentarismo é coisa velha e conhecida. Velharia lhe chamam os adversários, na errônea suposição de que o presidencialismo seja coisa mais nova, do que éle.

Medeiros e Albuquerque, que já notara a contradição, pois era natural que a imprensa tivesse interesse em defender um regime, em que a sua palavra pesa, dava uma explicação tão crua, que eu não me atrevo a reproduzi-la. Parece que, como no episódio bíblico, se prefere o prato de lentilhas à primogenitura.

— Não lhe parece, inquirimos nós, que esta resistência poderá prejudicar o movimento?

O CASO DOS OPORTUNISTAS

— É claro que sim. Outra seria a situação se a imprensa, como fora de esperar, lhe tivesse dado o seu apoio. Mas, se muito pode a imprensa, quando sabe interpretar as necessidades e as aspirações da coletividade, a sua influência diminui na medida que se lhes opõe. É uma poderosa alavanca, não há dúvida; mas, como toda alavanca, precisa de um sólido ponto de apoio. Pode-se clamar contra a verdade e a evidência; pode-se fazê-lo, a princípio, com êxito; mas a evidência e a verdade acabarão sempre prevalecendo. Se assim não fôsse, exerceria a imprensa a mais terrível e nefasta das tiranias.

Quer um exemplo? Alguns dos nossos mais autorizados jornais combatem a reforma porque — dizem eles — alguns dos que agora a estão apoiando o fazem por motivos subalternos, por simples oportunismo político. A increpação pode impressionar, a princípio; mas, por pouco que o leitor se ponha a refletir sobre a questão acabará indagando: a reforma proposta é útil; ou não é útil, vem ou não vem sanar certos defeitos, corrigir certos vícios da nossa vida pública? E, se a reforma é útil, devemos rejeitá-la, só porque

certas pessoas, de cujo desinteresse duvidamos, lhe dão o seu voto? Feitas estas perguntas, o leitor comum, o leitor de mediano bom senso concluirá logo pela sem razão da imprensa, e dará de ombros. E o leitor comum poderá ainda ir além no seu raciocínio: se há oportunistas, que, antes de tudo, querem ver o próprio interesse, não é uma felicidade que o interesse deles coincida com o de uma reforma salutar? Não quererão o bem pelo bem, concedamo-lo; mas nem por isto deixarão de concorrer menos eficientemente para ele. Não seria muito pior que estes oportunistas, em vez de tomar agora o bom caminho, enveredassem pelo mau?

Em suma, tão pueris, tão desarrazoados são os argumentos do que podemos chamar a nossa grande imprensa, que acabarão voltando-se contra ela. Truman tinha quase todos os grandes jornais contra si e, não obstante, venceu espetacularmente a eleição. Deste exemplo recente deveriam lembrar-se os proprietários de jornais, que estão sendo levados a abusar da sua real ou suposta influência.

— Haverá, porém, alguma semelhança entre as duas situações? — perguntamos nós.

PRESIDENCIALISMO: GROSSEIRA LUTA PELO PODER

— Talvez. Truman acenou ao povo com algumas esperanças e o povo virou as costas à imprensa. Aqui, se há alguma esperança na desgraçada situação em que se encontra o País, consiste ela na mudança do regime, que, faz sessenta anos, não tem cessado de descer. Pois é esta esperança de melhores dias, que a imprensa pretende insensatamente destruir. A ela nada parece melhor que esta grosseira luta pelo poder, a que se reduziu o presidencialismo em toda a América Latina. Evitá-la, deslocá-la, transpô-la dos indivíduos para os princípios e as soluções, é, segundo ela, golpear a democracia...

Eu, porém, não estranho, nada disto: são simplesmente frutos do regime. Toda a vida pública decai com ele. Chegamos agora ao infimo degrau: e, ou volveremos a subir, ou pereceremos.

ta-se agora o grupo financeiro francês. Ao grupo nacional não sabemos que parte caberá, nem o "quantum" de sua contribuição. De uma coisa porém estamos certos: a exploração será intensiva, e os frutos não entrarão para as arcas da nossa economia. A indústria de fertilizantes, que poderia ser apenas explorada por industriais patricios, passará a ser dirigida, convenientemente, por estrangeiros. Os resultados que advirão do conluio financeiro podem ser previstos. E adeus fósforos e apatia. Mãos avidas penetram em nossas jazidas. E 100.000.000 de toneladas da massa de minério irão para alhures.

As autoridades de Santos e Minas Gerais devem tomar cuidado com o avanço repentino.